

A. CARLOS GOMES

Não é propriamente a biografia deste famoso artista o que me cumpre escrever hoje, nesta página. Seria reproduzir, mais ou menos, o que já foi magistralmente dito por dois grandes vultos da literatura nacional, - os drs. Luís Guimarães Júnior e Francisco Quirino dos Santos, não contando com um avultado número de apontamentos biográficos, publicados por vários jornais, em épocas diversas, no país e fora do país.

O que faço agora aqui, o que me é possível realizar, para corresponder reconhecido, ao delicado convite de um amigo, é traçar algumas singelas linhas relativamente ao predestinado compositor, com quem entretive as mais íntimas relações de amizade, e de quem fui, por mais de uma vez, tão fiel confidente, nas horas da adversidade, como sincero admirador nas épocas festivas dos seus inolvidáveis triunfos.

A sua biografia, conhece-a sobejamente o público; ou, pelo menos aqueles que, com real interesse, se dão ao trabalho de estudar a vida e os feitos das grandes personagens, dos heróis do nosso pequeno mundo artístico e literário.

Viveu num delírio; amou como um perdido, sofreu como um mártir.

Viveu pela arte, amou a arte, sofreu e morreu pela arte.

Eis aí, em rigorosa síntese, toda a dolorosa história da sua atribulada existência.

Que importa agora ao leitor, saber se ele,

o inspirado artista, nasceu em 1836, como dizem uns, ou em 1839 como afirmam outros?

Finou-se aos cinquenta e sete anos? Talvez. Exalou o último suspiro aos sessenta anos? Que adianta is so?

O que eu sei, o que sabem todos, é que naquela soberba fronte bronzeada, coberta por longos cabelos alvíssimos, havia um mundo de inspirações sublimes que a fatalidade da sorte não deixou que se expandissem; e naquele largo peito de velho pulsava um coração adoravelmente juvenil que a mão de ferro da desventura esmagou, entre as mais cruciantes dores.

De que lhe valeu a glória, neste país?

Morreu pobre, após ter solicitado à República, enquanto tinha saúde, uma pensão que lhe garantisse na Italia a tranquilidade de espírito necessária para trabalhos de longo fôlego, mas isso mesmo lhe foi negado!

Que horroroso contraste nos oferece o seu singular destino!

De um lado a cena deslumbrante de seus triunfos artísticos, passada nas alturas luminosas do Acrópolis; do outro, o drama sombrio de sua vida privada, desenrolado sobre o sinistro cenário de um Gólgota!

Talvez me acoimem de indiscreto, talvez de demasiadamente severo, que sei eu? Mas, porque não dizer a verdade toda a respeito deste grande artista, cujo corpo baixou à terra e cujo espírito subiu à posteridade?

Tempo é já. Já é mais que oportuno o momen-

to de tornar saliente, com independência e coragem, ainda que em traços rápidos, tudo isso que se agitou em torno do seu vulto egrégio - o amor que o bafejou e as paixões que intentaram ferí-lo; o bem que lhe fizeram, o mal que lhe causaram, as injustiças de que foi vítima, os afaços que teve, os desdêns que venceu, e que influência tudo isto conseguiu exercer sobre o seu espírito de poeta, subordinado aos fenomenos extraordinários de um temperamento genial.

Ao menos esta página terá esta grande virtude, em falta de outros méritos - dizer absolutamente a verdade, sem lisonjear a quem quer que seja, sem a mínima intenção de ofensa a pessoa alguma.

2

2 2

Paixão política à parte, quer queiram, quer não, é de rigorosa justiça confessar, antes de tudo, que à solicitude do finado Imperador do Brasil, sr. D. Pedro II, devemos nós, em grande parte, o desvanecimento de podermos chamar a Carlos Gomes - glória nacional.

Tão sabido é isto, tão público se tornou pela imprensa, que eu me dispensaria de bom grado de o afirmar de novo, se não fôsse o fato, um tanto doloroso, de querer ser principalmente, de imparcial austeridade nestas poucas linhas, tornando bem saliente a condenável indiferença com que o governo da República acolheu, há anos,

as justas e fundadas pretensões do infeliz maestro.

Não será difícil encontrar, mais adiante, a prova do que aí fica escrito.

Quando Antonio Carlos Gomes saiu de Campinas em 1859, quase clandestinamente, contra a vontade de seu velho pai, e foi ter ao Rio de Janeiro, levava o propósito inabalável de se apresentar ao sr. D. Pedro, cuja fama de protetor de artistas e de escritores era já corrente. Tinha por intuito pedir-lhe indispensável auxílio para ir encetar seus estudos num estabelecimento próprio.

Ele mesmo o dizia em uma carta ao seu venerando pai, escrita do Rio, a 22 de junho do aludido ano: "A minha intenção é falar ao Imperador para obter dele proteção, a fim de entrar no Conservatório desta cidade. Não perderei tempo; tudo isto que lhe estou dizendo lhe desgostará, pelo motivo de eu ter saído de lá sem sua licença, mas tenho confiança na minha vontade e no pouco de inteligência que Deus me deu. Nada mais lhe posso dizer nesta ocasião, mas afirmo a Vmcê. que as minhas intenções são puras, e que espero desassocegado a sua benção e o seu perdão."

Depois de ter deixado na gloriosa Paulicéia, onde estivera alguns dias, uma verdadeira notoriedade de artista, Carlos Gomes no Rio de Janeiro conseguia a realização de seus sonhos dourados, impôndo-se às grandes rodas de artistas e literatos, pelo seu másculo e prometedor talento.

A sua primeira entrevista com o sr. D. Pedro de Alcântara, tornou-se uma das páginas mais curio-

sas de sua biografia, página essa que eu aqui não reproduzo para evitar demasiada extensão a este escrito, e principalmente porque quase toda a gente sabe-a de memória.

Basta dizer que o ilustrado chefe da nação recebeu o jovem compositor com a máxima cortesia e benevolência, como era seu costume e afagou-lhe devidamente as pretensões, providenciando no sentido de ser o artista neófito admitido no Conservatório de música nacional.

Aí colocado, sentindo-se feliz e alegre por ver que o anjo incompreensível dos destinos lhe dava o seu primeiro ósculo, tendo diante de si a vasta e florida estrada que o devia levar à conquista do futuro, e em redor de si a proteção sincera de valiosíssimos amigos, o inspirado moço votou-se de corpo e alma ao estudo e ao aperfeiçoamento de sua bela vocação, fazendo verdadeiros prodígios de progresso em pouco tempo!

Foi nessa fase feliz e ridente de sua vida que ele produziu as duas primeiras óperas - "A Noite do Castelo" e "Joana de Flandres", representadas em 1861 e 1863, e cujo merecimento relativo tantos aplausos mereceu do público e da imprensa daquele tempo.

Estava, enfim, iniciado o jovem compositor campineiro, no grande templo em que poucos são os predestinados da glória e da imortalidade.

Ambas aquelas composições haviam-lhe grangeado as mais completas e reais simpatias, e desde logo trataram os seus amigos de incitá-lo a ir à Europa aperfeiçoar a sua maravilhosa vocação. A feliz idéia partira principalmente do Imperador, (dizem) merecendo a mais entusiástica aceitação por parte do governo que, neste sen-

tido, dirigiu reiterados convites ao maestro.

Ao autor de tão esplêndidas e prometedoras primícias não era lícito deixar de abraçar, cheio de justo orgulho, tão honrosa prova de aprêço, muito embora lhe custasse isso o enorme sacrifício de separar-se por longo tempo de sua querida Pátria.

Era preciso, pois, partir. O govêrno o auxiliava, o Imperador dava-lhe as maiores provas de distinção, e um povo inteiro aplaudia tão patriótica idéia, com firmeza absoluta do valor real desse novo astro, que surgia com tamanhas cintilações no vasto firmamento da arte.

Assim foi que, tendo à sua disposição uma mesada que lhe era concedida pelo govêrno do Império, resolveu seguir para Milão a 8 de dezembro de 1863, levando as mais pungentes saudades de sua família e de seus amigos, ao passo que o seguia, pela infinita extensão dos mares, a estrondosa manifestação de um povo inteiro, que o aclamava como uma das mais radiantes vocações artísticas que os homens têm visto!

Estavam, finalmente, realizados os seus dourados sonhos de glória.

O atleta começava a lutar; o anjo das grandes vitórias mostrava-lhe já, ao longe, as virentes coroas de louro que mais tarde deviam ser sustentadas pela frente do triunfador sublime!

Que vastísimos e luminosos horizontes se rasgavam diante de si!...

Começa neste ponto a indescritível odisséia dos primeiros tempos de sua notoriedade na Europa.

Transportar-se à lendaria e poética Italia, a pátria dos mais célebres poetas da música; vê-los, conversar com eles, conviver com o grande mundo intelectual, receber as lições dos egrégios mestres, sentar-se nos bancos em que já se haviam sentado, nesse famoso Conservatório, vultos que já pertencem à posteridade; aprender tudo isso que os mais célebres compositores fizeram; compor também e arremessar ao mundo o fruto do seu talento e das suas inspirações de americano ardente, tal foi o pensamento único e complexo que acompanhou o famoso maestro brasileiro, desde o dia em que deixou as margens do majestoso Guanabara, com destino à grandiosa pátria dos maiores gênios musicais, que o mundo inteiro conhece e venera.

Milão foi a cidade por ele escolhida, para a sua permanência. Milão onde está o vastíssimo "Scala" - o esplêndido teatro, por onde têm passado todas as surpreendentes produções dos mais célebres compositores do século...

Que alegria e que felicidade!

E desde que alí chegou, não teve outra idéia, outra preocupação, outro intuito que não fosse estudar, tomar os mais abalizados professores, dedicar-se ao aperfeiçoamento de suas aptidões, ouvir os grandes mestres, realizar, enfim, o seu querido e deliciosíssimo ideal!

Espírito vibrátil, capaz, como era então, de todas as audacias sublimes, levava ele o plano sumário de

chegar, mudar de fato, não descansar, preparar-se rapidamente, fazer-se discípulo do primeiro professor notável que encontrasse e transformar-se, pelo método mais repentino possível, em um verdadeiro mártir do trabalho, diuturnamente aplicado ao seu único e adorado objetivo - a arte, e morrer por êle, se preciso fosse!

Mas, fez-lhe embargos o destino à singular sofreguidão, pondo-o de cama, enfermo logo à chegada, e assim permaneceu inativo por espaço de dois longos meses!

A inesperada contrariedade, porém, cedeu o lugar ao fim daquele tempo, à volta da atividade do estudioso aspirante que, sem demora, tornou-se alvo dos mais simpáticos reparos e digno de reiterados e sinceros louvores por parte dos seus mestres e de todos os seus colegas.

Três anos, apenas bastou este curto lapso de tempo para que o discípulo se tornasse peremptoriamente um profissional notável. A 6 de junho de 1866 saía do Conservatório, e escrevia a sua primeira composição na Italia, denominada - "Se Sa Minga", revista do ano, cujo libreto era da lavra do poeta Scavini, obtendo a música de Gomes o mais ruidoso sucesso!

Era preciso ir mais além... e foi.

A sua consagração completa, estrondosa, brilhantíssima; a sua consagração de artista genial, não se fez esperar muito. A 19 de março de 1870 o público de Milão assistia, verdadeiramente maravilhado, à primeira exibição da ópera-baile - "Il Guarany", e aplaudia freneticamente, no notável vulto do compositor brasileiro, a maior glória artística musical de toda a America!

Estava definitivamente firmada a reputação

de Carlos Gomes. O grande centro das glórias musicais o proclamava herói, e lhe colocava na frente radiante a corôa sagrada dos vencedores da arte!

Pouco tempo depois partia o ilustre maestro para o Brasil, em companhia do seu digno irmão, o não me nos distinto Santana Gomes, que fôra à Italia assistir aos triunfos do seu querido Carlos, trazendo ambos consigo inúmeras corôas, flores em profusão, milhares de demonstrações de aplausos e o prazer imenso, indescritível, que é dado a vencedores experimentarem, ao fim de uma tremenda batalha!

A volta do grande maestro à sua adorada pátria, a recepção que teve e a apoteóse que mereceu dos seus patrícios, essa enorme festa, finalmente, de que sempre, com justo orgulho se há de lembrar o país inteiro, foi-lhe a prova mais cabal e completa da glorificação do seu trabalho e da superioridade do seu espírito.

O maestro trazia a seus patrícios, após sete anos de ausência, o documento irrefragável, a fulgurante afirmação do seu assombroso talento...

Trazia "O Guarani!"

Mais adiante verá o leitor de que maneira foi essa peregrina composição recebida no Brasil.

2

2 2

Coberto de aclamações, atordoado pelos a-

plausos, ébrio de entusiasmo, depois de breve estada em sua Pátria, o glorioso maestro voltou à Italia disposto a preparar novos atestados de sua fecunda e privilegiada imaginação.

Era preciso continuar na imensa faina; o dever lhe bradava ser preciso não adormecer sôbre os louros do presente, e ir avante, avante sempre, na conquista completa da imortalidade do seu nome.

Na febril atividade com que se conduzia, planejou e realizou novos trabalhos, anunciando sem demora, o "Salvador Rosa", opera que mereceu especial menção dos críticos mais abalizados.

Por este tempo a estrêla de Carlos Gomes, a estrela do seu destino que se conservara até então em pleno fulgor, entrou a ter visíveis desmaios, intermitências de frouxidão assás assustadoras, sobressaltando os que acompanhavam a marcha vitoriosa do artista.

Poeta, como era, fantasia indomável, imaginou desde logo e pôs em prática, duas coisas transcendentes que lhe foram, com o correr do tempo, grandemente fu nestas: o seu casamento, e a construção de um belo palacete ali pelas alturas das margens do lago de Cômô.

Simplesmente isto! Um sonho esplêndido!

O leitor conhece, porventura, em cabeça de moço, sonhos mais poéticos do que estes?

O casamento, e a construção de um ou mais castelos no... ar!

Mas, também é de presumir que o mesmo leitor não tenha notícia de duas catástrofes maiores do que

estas: - um casamento infeliz, e um castelo construído...
"à prazo!"

Pois de ambas foi vítima esse incorrigível fan
tasista do mundo das melodias!

Casou-se e não encontrou a felicidade; cons-
truiu uma bellissima vivenda e... gastou nela tudo o que
tinha! Talvez mais!...

Dai as consequências - tristezas e amarguras
por um lado, relativamente à vida íntima do seu lar domésti-
co, em virtude de uma simples desigualdade de gênios entre
os cônjuges; de outro lado atribulações de espírito proveni-
entes de um sério desêquilíbrio entre a sua receita e as
suas despesas!

Uma mesada diminuta e direitos de autor mui
exíguos, não davam margem à corrigir a gravidade da situa-
ção, de sorte que Carlos Gomes foi entrando lentamente em
fraco período de crise.

O cruel positivismo da vida, com todo o seu
cortejo de dissabores, invadira-lhe o iluminado cenário de
suas glórias.

Por este tempo a calúnia e a inveja lançaram
mão de todos os meios para deturpar a reputação do maestro,
e procuraram tirar partido da conjuntura em que ele se acha-
va. De uma vez disseram que era um brasileiro degenerado,
pois que se tinha naturalizado cidadão italiano. Era uma
clamorosa injustiça, era falso. por outra vez asseveraram
que o artista vivia vida dissipada, perdendo ao jogo tudo
quanto ganhava!

Também este boato foi categoricamente desmenti-

do pelo brioso paulista, a quem, em todo o caso as adversidades iam pouco a pouco causando pungentes danos.

Depois do "Salvador Rosa", escreveu a "Fosca", e exibiu-a, mas já um tanto apressadamente, sem grandes cuidados e revisões, assim à maneira de quem precisa realizar lucros a todo o transe para saldar compromissos inadiáveis.

A "Fosca" teve, por isso mesmo, de passar por transformações e aperfeiçoamentos que lhe deram depois grande merecimento e restauraram brilhantemente os créditos do autor.

Todos os trabalhos de Gomes, produzidos daí em diante, ressentiram-se de uma tal ou qual precipitação, deixando entrever, que em falta de sadia e natural inspiração, empregava inauditos esforços e fazia prodígios de ginástica com as suas faculdades intelectuais e afetivas.

Empreendeu então viagens contínuas ao Brasil, principalmente ao Norte, a ver se lhe seria possível, já como empresário de companhia, já como compositor, realizar e reunir elementos de que ele muito precisava.

Tudo foi baldado.

Um único recurso lhe restava, além dos extraordinários que particularmente lhe prestava o seu bom e dedicado irmão Santana Gomes, - era pedir ao governo do Império a renovação de sua mesada, de maneira a livrá-lo de sérios apuros, e garantir-lhe a tranquilidade de ânimo para o trabalho, de que tanto carecia,

Deu-se isto de 1887 a 1888, período em que

começou, para o autor do "Escravo", a infernal crise aguda de suas finanças.

Fez-se rumor em torno do fato. Os jornais do tempo trouxeram à público as conjunturas em que se debatia o maestro, especialmente a "Gazeta de Campinas", cuja redação, à frente da qual se achava quem ora escreve estas linhas, tratou detidamente do assunto, fazendo a Carlos Gomes a maior justiça, e defendendo valorosamente as justas pretensões que ele revelava.

A sua fortuna, porém, (com relação à vida privada) esmorecia de todo, pois a 15 de novembro de 1889 rebentava a sedição militar que deu em resultado a República, e com a República veio a suspensão dos auxílios imperiais prestados ao grande maestro!

Era, para ele, acabrinhadora a situação.

O Imperador, com quem Carlos Gomes podia contar como amigo e protetor, fôra banido, de sorte que havia só um meio de afastar as horríveis dificuldades que se agrupavam em redor de si - pedir à República um auxílio...

Foi o que ele fez. Pediu!...

2

2

2

E não obstante a nobreza e elevação de sua causa, pediu em vão!

Foi exatamente este ^o momento, profundamente

crítico e doloroso em que começaram os seus maiores tormentos.

Tudo quanto pode de haver de amargo e desanimador, ele experimentou.

Faltou-lhe o altruísmo da Pátria, quando - mais dele precisava!

O governo provisório da República negava-lhe uma pensão, a ele tão justamente considerado - a mais legítima glória nacional!

O autor do "Guarani", do "Salvador Rosa", da "Fosca", de "Maria Tudor", do "Escravo" e do "Condor"; e le, que tinha direito a todas as considerações e a todos os auxílios, pois que enobrecia a sua pátria pelas suas insígnies produções, via-se tratado com indiferença, pelos vultos mais importantes da República!

Imagine-se o sofrimento e as decepções porque passou aquele temperamento delicado e nimamente impressionável de artista!

De lá, de onde estava, de Milão, empregava ele todos os meios possíveis para obter o que inutilmente ambicionava; e, com uma espécie de atividade febril, mórbida, escrevia a todos os seus amigos no Brasil, pedindo-lhes benéfica intervenção em favor de seus intentos, e esses amigos, valha a verdade, punham em ação tudo o que era humanamente possível.

Os principais eram, em primeiro lugar o seu dedicado irmão Santana Gomes, e depois o notável jornalista dr. Américo de Campos, e a mesma pessoa que aqui vai traçando estas desprezenciosas linhas.

Gomes estava perfeitamente atribulado. Sentia a "fôrça indômita" da inspiração que lhe reclamava a plicação ao trabalho, mas, ao mesmo tempo a mão fria do desânimo impelia-o para uma espécie de marasmo, de morte moral, entrecortada por indescritíveis desesperos!

A prova disto vou eu dá-la já.

Tinha ele vindo ao Brasil, num dos seus repentinos de esperança, a fim de tratar do seu almejado negocio - a obtenção de uma mesada oficial, sob a condição de continuar em Milão e dar andamento a trabalhos importantes, novas óperas que estavam em vias de conclusão. Lançara mão de todos os meios, falara a todas as sumidades políticas, sem côr partidária, expondo as suas precárias condições. Ao fim de grandes fadigas, chegara a obter de alguns vultos importantes, cabal prometimento de que tudo se arranjará.

Neste interim, sempre apressado, sempre aflito, teve de voltar inopinadamente à Italia, deixando a sua trabalhada idéia pendente... de um milhão de circuntâncias!

Lá chegando, escreveu e dirigiu-me a seguinte carta:

Milão, 8-2-90.

"Meu bom Carlos!

"Escrevo-te na certeza de que serás, como sempre, amável em me responder com a possível brevidade. - Motivos imperiosos me obrigaram a partir do Rio para Mi

lão, quase repentinamente.

"O Américo, nosso velho amigo, me acompanhou até o Rio e foi testemunha ocular das "repetidas e formais promessas" do nosso conterrâneo C. S.

Américo, que ficara no Rio a lém do dia 10 de dezembro, me escreveu na mesma data assegurando-me que Rui Barbosa, Aristides Lobo, Quintino e outros estavam de acôrdo em meu favor.

"Quanto a boa vontade do povo campineiro guiado pelo nosso conterrâneo F. Glicério, já sabias desde o princípio.

"Agora, porém que estamos a 8 de fevereiro, e tendo escrito a quase todos sem receber resposta, venho te pedir de escreveres ou falares com o amigo G, fazendo-lhe também lembrar a promessa que me foi feita "formalmente e publicamente".

"Os jornais da Europa até publicaram que a demonstração das senhoras de Campinas em S. Paulo, foi com o fim de pedir ao govêrno uma pensão para o maestro Carlos Gomes! " Paciência.

Se a fama correspondesse à realidade...

"Enfim, venho te pedir, como já pedi aos amigos, quase todos de Campinas, de obter do cidadão F. G. uma resposta decisiva.

"Se a resposta for negativa serei obrigado a abandonar imediatamente a Italia e voltar... para onde?

"Deus me há de ajudar.

"Perdoa, meu Carlos, os continuos incômodos que te dou, mas crê: sou injustamente esquecido!

"Adeus, adeus! Até breve, tal vez.

"Sempre teu grato amigo

Carlos Gomes."

Tudo quanto era possível fazer-se, foi realizado; havia interêsse e boa vontade. Eu, mais uns dois amigos, e o Santana Gomes, propunhamos várias idéias. Escrevíamos a pessoas influentes do Rio, e pelas colunas da "Gazeta de Campinas" advogamos, com verdadeiro ardor, a causa do ilustre maestro.

Quando estávamos juntos, eu e o Santana Gomes, estudávamos o meio mais curial de levar à efeito o auxílio de que o atribulado autor do "Guarani" tanto pre-

cisava.

Houve um momento em que chegamos a ter plena confiança nos homens altamente colocados, aos quais Carlos Gomes tinha recorrido. Que ilusão!...

Pois o governo da República havia de deixar sem resposta satisfatória a impetração do glorioso compositor, quando era certo ter ele tido do governo do Império as deferências com que todos os governos costumam distinguir os homens que pelos seus excepcionais talentos sabem honrar sua pátria?

E ficámos à espera...

Imagine-se qual foi o meu assombro, quando, dois meses depois da primeira, recebi esta segunda carta:

Milão, 9 de abril de 1890.

"Amigo Carlos Ferreira.

"O mano Juca tem a incumbência de te mostrar a fiel cópia da carta que o ilustrado cidadão e amigo F. G. me escreveu para aqui em data de 8 de março, do Rio de Janeiro.

"Não faço, e seria tempo perdido, fazer comentários sobre a resolução do governo.

"O principal sentido desta carta

ta é pedir a você de prevenir logo todos os seus colegas de imprensa, isto é, digo mais: pedir a todos de minha parte que nada digam pelos jornais a meu respeito.

"Seria para mim dupla mágoa ler pelos jornais a notícia do vexame e humilhação que estou injustamente sofrendo do governo.

"Tendo-te escrito repetidas vezes, peço-te também desculpa do incômodo que sem dúvida te deram as minhas inúteis cartas; foi porém boa fé, pois não esperava pela carta absolutamente negativa do amigo F. G.

"Se, porém, a idéia expressa na minha carta antecedente e "reservada só para ti", mano Juca e dr. L., for por vocês aceita e posta em prática; se em vista e a probabilidade de bom êxito entenderes (de acôrdo com os amigos) mandar um telegrama de três palavras, dizendo: "Domes, Milão, Espere;"

"Então esperarei o tempo de aqui chegar uma tua carta detalhada.

"Sem isto, isto é, sem o telegrama, esperarei em Milão até 14 de maio; a 15 partirei.

"N. B. Os vapores de Gênova para a América do Sul, partem regularmente a 1 e 15 de cada mês. Esta carta chegará a Campinas nos primeiros dias de maio, com tempo de eu aqui receber o telegrama, o qual, repito, só espero até o dia 14.

"Adeus, adeus. - Perdoa a monotonia, as massadas e o "tom menor" do

Teu infeliz amigo

A. Carlos Gomes.

A carta de F. G. a que o maestro se referia, era realmente para causar consternação. Dizia nada menos que: "na conferência ministerial de 7 de março de 1890, fôra rejeitada a proposta apresentada, referente à modesta pretensão dele Gomes - isto é, a mesada de que ele carecia!

Com mágoa, cheio de pesar (dizia o autor da carta) só ele apoiara essa justa pretensão, e que por is-

so lhe era absolutamente impossível fazê-la revogar, pelo que sentia grande e doloroso desgosto! Que não desanimasse, todavia; os tempos mudariam e as apertadas circunstâncias financeiras do país melhorariam, e que então o governo não deixaria de prestar ao grande gênio do maestro (textual) o auxílio que reclamava. Que ele maestro não tinha o direito de enfraquecer na luta, que o seu nome pertencia à pátria, à glória, duas coisas que lhe deviam merecer algum sacrifício!"

Ora eis aí está!

Chama-se a isto resolver uma situação difficilima com toque de caixa, música e foguetes, coisa bem diferente daquilo que o desesperado maestro esperava!

A ele competia fazer alguns sacrifícios pela Pátria, mas a Pátria não estava disposta a fazer o menor sacrifício por ele!

Grande e fecunda orientação de estadistas patriotas, na verdade!

Diante disto, que fazer, grande Deus?!

Pedir particularmente aos amigos, aquilo que a Pátria não lhe quiz publicamente dar!

Tudo por causa de uma "transcendente e complicadíssima" questão de... economia!...

Sob o ponto de vista filosófico, porém, e com uma boa dose de tolerância cristã, chega-se a explicar e justificar o procedimento do governo provisório da República Brasileira em 1890, com relação ao maestro Carlos Gomes.

Que poderia realmente fazer esse governo em favor das artes e artistas, num momento histórico de extraordinária gravidade, em que estavam em jogo todas as paixões partidárias, todos os temores e todas as ambições pessoais de ordem política?

Os homens que se haviam colocado à frente dos negócios públicos, isto é, presidente e ministros, francamente falando, não tinham ainda a experiência e a competência, que o ofício requeria, e sentiam-se pavorosamente atrapalhados com a complicação das responsabilidades que lhes pesavam sobre os ombros.

Tornava-se de mistér executar alguma coisa, fosse o que fosse, que denotasse energia e virtude cívica na ocasião, como princípio de atividade demonstrativa de patriotismo e de tino administrativo.

Era preciso dar cópia de si, fazer alguma coisa curial e ao mesmo tempo bizarra. Que coisa seria?

Um grande corte nas despesas, naturalmente; um primeiro movimento de "sabedoria" econômica, o qual tendo por base a supressão dos subsídios da família imperial, fosse a todo o transe acabar em tudo o que a monarquia tivesse feito, mesmo em honra da Pátria, como por exemplo - manutenção de mesadas a alguns artistas superiores.

A República precisava de dinheiro para outros fins...

Portanto, Carlos Gomes e Maria Monteiro, (outra glória nacional que estudava a expensas do govêrno do Imperador), estavam condenados a ficar sem essa demonstração da solicitude e do reconhecimento que lhes era conferido pelo referido govêrno.

Para que a mesada a artistas? Perguntariam os novos timoneiros da nau do Estado. O mundo não se leva por música, mem por cantigas, e conseguintemente seja suprimida a verba inútil!

Eu de mim acho que eles tinham razão. Eram lógicos.

Os homens cujo espírito assim raciocinavam, obravam como entendiam e estavam perfeitamente no seu direito, porque não podiam entender e obrar de outra maneira.

O presidente, aliás honesto cidadão e um bravo e poderoso militar, não podia se conduzir na República brasileira como Péricles se conduzira na antiga Atenas, em tempos remotos.

Entre um e outro, que tremendo abismo!

Ele podia dar ordens sábias de ataques em rigorosos combates, contra rebeldes, se fosse preciso; mas, presidir ao desenvolvimento das artes, das ciências e das letras, isto é que não.

Os outros, os seus acólitos, ministros do chamado govêrno provisório, com exceção de dois sòmente, o dr. Benjamin Constant e o sr. Quintino Bocaiúva, não tinham orientação alguma literária e artística, nenhum preparo que os habilitasse a compreender a necessidade, como

prova de amor ao progresso e à civilização, de concorrer para o desenvolvimento da intelectualidade e do espírito público, logo no comêço da República.

Homens pesadamente políticos, entre os quais alguns afeitos à vida acanhadíssima que até então haviam vivido na província; lavradores, advogados de localidades pequenas, não podiam, mesmo possuindo certo talento natural, realizar aquilo que só pode emanar de espíritos superiores, educados em grandes meios, rodeados de certas influências e estudos que atuam diretamente sôbre o cérebro, desenvolvendo-lhes os germes das grandes e proveitosas idéias.

Entenderam que não era de bom aviso gastar dinheiro com maestros, e suprimiram ao Gomes a mesada imperial, talvez sômente porque era imperial, e não lhe deram outra!

Compreenderam isto? Já se vê: o país ia forçosamente lucrar. A grande economia começava! Certamente entre a receita e a despesa do Brasil, dar-se-ia uma diferença considerável, em favor da receita!

Não se concederia, por forma alguma, a C. Gomes a quantia de 500\$000 mensais, mesada republicana, e nem mesmo a de 150\$000, que era a mesada imperial!

Nada, absolutamente nada!

Grande e profícua lição a economistas futuros!

De tal arte, quem não salvará as finanças de uma nacionalidade? E a bondade da medida economica, é o que se está vendo... Querem coisa mais fora de perigo do

que a situação financeira do Brasil?

E Carlos Gomes, calado, resignado, sabendo até que a bancada paulista no Congresso apoiava essa resolução do governo, continuou a trabalhar, martirizado de desgostos, sem alegria, sem bem estar, sem comodidades e sossego, e, pior que tudo isto... sem sentir mais na frente o fogo sagrado de suas antigas inspirações!

Tornou-se um descrente e um misântropo, lutando com as maiores dificuldades, e antevendo o futuro de seus filhos através das nuvens escuras de suas tristezas.

Depois... a história pungentíssima de sua longa enfermidade...

Tão recente é este drama sombrio, que apenas farei ligeiras menções dele, aqui.

No dia 16 de maio do ano passado escrevia eu no "Correio Paulistano":

"A esta hora deve ter chegado à capital do Estado do Pará, o nosso glorioso maestro Carlos Gomes.

Saiu de Lisboa para ali há dias, gravemente enfermo, conforme uma multidão de notícias transmitidas por telegramas daquela cidade a todos os jornais do Brasil.

Padece de um cancro na língua o famoso autor do "Guarani";

flagela-o essa enfermidade horrível que lhe não deixa a calma necessária para o trabalho, e rouba-lhe inteiramente o gosto para a sua querida arte.

Não pode falar, nem pode escrever, dizem as notícias, e provavelmente nem poderá pensar senão no seu martírio e no descanso eterno, depois de tanta glória, de tão renhidas lutas e de tantas conquistas vitoriosas!

"Se o meu mal é de morte, exclamára ele diante de seus médicos, quero ir morrer na minha pátria."

E, sem embargo de todas as imposições da ciência e dos seus amigos, que ali os conta em avultado número, embarcou com destino ao Pará, onde a esta hora já deve estar chorando o seu grande infortúnio, mas ao mesmo tempo abençoando o seu destino que lhe concedeu vida ainda para saudar, mesmo entre dores, terras abençoadas do seu adorado país!"

Foi nessa ocasião que o governo do Estado de São Paulo se lembrou de ir ao encontro do quase moribundo maestro, concedendo-lhe uma pensão, quando já para nada

mais servia ela.

Felizmente ficava a dos dois filhos - Carlos e Ítala, compensando de algum modo as injustíssimas faltas que houve por parte do governo federal para com o laureado atleta, conforme o que neste rápido escrito ficou assinalado.

A pensão a ele concedida não pesou por muito tempo ao erário da República; o soberano do talento dispensou-a, a sorrir, libertado das misérias humanas pela mão piedosa do anjo da morte. Nada mais pediria.

A 16 de setembro de 1896, pelas onze horas da manhã, exalava ele o último suspiro na ínclita capital do Pará, entre as mais vivas e tocantes demonstrações de amor, respeito e consternação de um povo inteiro.

A majestosa apoteose que lhe fizeram ali, foi a mais eloquente e cabal afirmação do valor real desse homem que, pelos seus esforços e pela grandeza de seu gênio, conseguira conquistar foros de verdadeira celebridade.

Os paraenses souberam perfeitamente avaliar a deplorável e imensa perda que o Brasil acabava de sofrer.

2

2

2

O corpo embalsamado veio para Campinas, a cidade natal do glorioso compositor, e por onde passavam as flores, turbilhonavam as comoções e tombavam lá-

grimas, exatamente como nas épocas felizes em que ele dominava os corações com as divinas harmonias de suas óperas imortais.

A 24 de outubro, após uma ausência de trinta e sete anos, o filho querido voltava definitivamente ao lar saudoso. Vinha imóvel, deitado, adormecido, conduzido em triunfo, como que a sonhar, descansando, ele o forte, dos combates gloriosos em que se empenhara, na conquista de louros para a sua adorada Pátria!

A sua entrada na famosa cidade onde um dia vira a luz e recebera o batismo, foi o espetáculo mais grandioso que se tem visto; o acontecimento mais surpreendente que já ali se realizou; a glorificação mais completa e imponente de que pode ser objeto um herói vencedor!

Nesse dia, no "Correio de Campinas", que deu ao público um belo número especial, estampeei o folhetim que adiante transcrevo. Era a minha modesta homenagem ao grande maestro, e com ela eu relembrava precisamente o período mais feliz e brilhante de sua fulgentíssima mocidade.

Eis a singela página:

A PRIMEIRA DO GUARANÍ

(REMINISCÊNCIAS DE UMA NOITE)

Carta a Leopoldo Amaral

Não podes imaginar, meu caro Leopoldo, o que

foi, no Rio de Janeiro, há justamente vinte e seis anos, a primeira exibição da esplêndida ópera - "O Guarani" do nosso grande compatriota Carlos Gomes.

Como sabes, estive presente a essa festa inolvidável, por sinal que recitei uns versos vertiginosos, cujo original, (perdoa-me a imodéstia) mereceu a honra de ser conduzido até o camarote imperial... por pedido do Imperador, e, do mesmo modo, por pedido do famoso maestro, até o camarim do palco onde ele permanecia, procurando subtrair-se à tempestade dos aplausos que caíam sôbre a sua frente inspirada.

Esplêndida noite essa! Noite de ofuscadora glória para o insigne compositor, e de estrondoso delírio patriótico para o público, o eletrizado público daquele tempo, que era, ao inverso do de hoje, muito mais amante de artes e de artistas, que de políticos e política, felizmente.

Guardo ainda na imaginação a grandeza daquela comovedora cena em que um povo inteiro soube render, ao maior talento artístico de nossa pátria, a mais franca e entusiástica homenagem!

Não podes imaginar, repito, o que foi essa arrebatadora demonstração de preito!

O teatro era o célebre "Lírico", o "Provisório" como geralmente o conheciam, sagrada arena dos colossais combates da arte, outrora, quando o gênio assombroso de João Caetano tão gloriosos loiros colhia; era o "Provisório", um esquisito barracão, pintado exteriormente de amarelo, muito grande, e posto lá num ângulo do amplo Campo de Santana que, naquela época, estava longe de ser o esplêndido parque que é hoje.

Três dias antes do espetáculo a casa estava totalmente vendida. Não se encontrava mais, mesmo por preços fabulosos, nem um camarote, nem uma cadeira, nem uma "varanda" e até nem mesmo uma "torrinha"!

Lembro-me bem que o meu bilhete de entrada para a respectiva "frisa" da comissão dos festejos custará nada menos de vinte e cinco mil réis, o que para mim, naquele tempo, como estudante que era, representava uma fortuna! Pois tive ânimo de dá-la pelo suspirado cartão, a um amigo que mo cedeu por muito empenho, sob condição de ser eu um dos poetas do magnífico programa.

Que remédio?

Aceitei e fui. Levava, bem gravada na memória, a minha versalhada ao maestro, o qual, valha a verdade, chorou em pleno palco, como uma criança, quando eu, com todo o desembaraço dos meus vinte e tantos anos, de carreguei-lhe sôbre a fronte luminosa e predestinada, to da a minha estrepitosa bombarda parnasiana!

2

2 2

No dia do espetáculo não se falava na rua do Cuvidor senão da grande novidade artística. Carlos Gomes e sua ópera eram o assunto de todas as conversações.

O dia pareceu um século, mas afinal a noite chegou. As oito e meia horas o bojudado teatro estava inteiramente repleto, porém de maneira a asfixiar as pobres criaturas, e a deixar a polícia em sérios apuros, por

não poder ela evitar a venda demasiada de bilhetes.

Fazia um calor horroroso, agravado consideravelmente pela alta temperatura do entusiasmo que havia em todos os corações e em todas as cabeças!

Era deslumbrante o aspecto da vastíssima sala. Tudo o que havia de mais elevado e fino na capital do Império em letras, em artes, em política, no comércio e nas indústrias, bem como em outros ramos da atividade humana, lá estava.

Nos camarotes sobressaíam toaletes deslumbrantes em mulheres formosíssimas, fronte esculturais, cujos olhos faiscantes andavam, em fogosa competência com o fulgor dos inúmeros brilhantes que as ornavam!

Uma verdadeira orgia de luz!

Na platéia, as cadeiras de primeira ordem eram quase todas ocupadas por cavalheiros trajando casaca, luva branca, "claque", e o mais das grandes solenidades. Havia ansiosa e profunda expectativa em todos os espíritos; apenas cortando o silêncio magistral que a imponência da situação exigia, ondulava pela atmosfera o frêmito nervoso dos corações e dos pensamentos, enquanto que, de todos os pontos do teatro uma multidão de leques multicolors agitava-se vertiginosamente, como um imenso bando de borboletas tresloucadas!

De mistura com tudo isto, flutuações de quentes e inebriantes perfumes de flores e de finíssimas essências de sândalo, violeta, héliotrópio e outras que mais estimulavam as escaldadas fantasias naquela sublime noite de verão e de luar intenso.

Em um camarote, junto à boca do palco, na

primeira ordem, via-se ao lado de umas damas esplêndidas, um homem muito encolhido, com um ar notavelmente modesto e doentio, de barbas pretas, pálido, olhando como que a custo, através de uns óculos de aros de ouro.

Para esse homem convergiam, curiosos, todos os olhares da platéia, enquanto não subia o pano, mas elle nem siquer parecia dar por isso.

Era o conselheiro José de Alencar, o festejado autor do célebre romance de onde o nosso insigne maestro fizera extrair o "libreto" para essa ópera, que tão luminoso caminho lhe abriu para a posteridade...

2

2 2

O público espera ansioso. É chegado o momento supremo.

Nota-se em todas as coisas um quê de elétrico e indefinível que anuncia os grandes acontecimentos...

De repente a orquestra dá o sinal. Cessa a agitação dos leques.

Ninguém mais murmura. O silêncio é tão completo que se ouviria o esvoaçar de um beija-flôr. Todo o mundo tem os olhos fitos na orquestra, e essa, com extraordinário e surpreendente brio, rompe a inspiradíssima "ouvertura" da ópera, causando desde logo a mais profunda sensação.

O pano sobe: começa o primeiro ato.

Os artistas visivelmente comovidos, cantam a capricho, primorosamente.

Lelmi, o gordo e baixo tenor de segunda ordem, aparece vestido de guarani. Canta como se fosse um cantor de primeira... Cecí, cujo papel não me lembro agora que artista o desempenhava, (a Gasc, creio que foi) enche o teatro de encantadoras melodias. Começam a trovejar os aplausos. A "mise en scène" é de bellissimo efeito, a orquestração irrepreensível, a afinação geral da ópera, um primor!

Na sua grande tribuna da segunda ordem, o Imperador, junto de sua família, sorri triunfante, naturalmente ufano de ter sabido ser o Mecenas do glorioso herói da noite.

Cai o pano. Os aplausos irrompem em delírio, o autor é freneticamente chamado à cena: todos estão de pé, e chega a ser atrevida e infinita a formidável salva de palmas que acolhe o feliz artista. Mais seis chamadas o fazem vir ao proscênio, e de todas as vezes que a parece, a sua basta e longa cabeleira negra esvoaça, como uma floresta fantástica, ao sôpro violento dos aplausos!

Ao terminar o segundo ato, o delírio sobe de ponte. Uma comissão da illustre cidade de Campinas, comissão essa de que fizeram parte, entre outros campineiros, os distintos moços Luís Quirino dos Santos e Joaquim de Toledo, oferece ao maestro, em cena aberta, uma rica medalha de ouro, em nome do altivo povo campineiro.

Recitam, poesias, poetas de grande nomeada, o Luís Guimarães Júnior, o Bitencourt Sampaio, e outros, e mais um sem nomeada alguma, cujo nome provavelmente já advinhaste. Falma muitos oradores, e chovem as ovações.

Reina uma espécie de "sabbat" de duendes na sala. Ninguém mais se entende... O maestro mal pode caminhar no palco juncado de flores, e, enxugando as lágrimas da... alegria, parece querer saltar para a platéia, ao passo que o povo salta para o palco. Chapéus, lenços, leques, buquês, corôas, flores desfolhadas e folhagens, tudo é arremessado para alí, num turbilhão.

Um verdadeiro e atroador delírio!

E o Imperador, em pé, no camarote, ostentando a sua notável e austera figura, sorri... sorri sempre, triunfante e alegre, como um bom brasileiro que é, e amigo do artista.

Aquele, subitamente, graças a um delicado convite, aparece na tribuna imperial; o monarca saúda-o, aperta-lhe a mão e põe-lhe ao peito uma comenda... e abraça-o, diante do público maravilhado que prorrompe em bravos, palmas, vivas, hosanas aos dois ilustres homens...

Passa o terceiro ato, passa o quarto, tudo sob o estrondo imenso de vitoriosas aclamações a Carlos Gomes, e a José de Alencar, o qual procura, no camarote, furtar-se às ovações públicas; e, como remate, a apoteóse final: uma chuva de ouro sôbre a cabeça gloriosa do maestro; pombos, canários, e outros graciosos pássaros arremessados ao proscênio.

Depois, mais umas vinte ou trinta chamadas consecutivas ao glorioso artista que, suando, sem fôlego, quase desmaiado é conduzido dalí, em braços dos amigos e do público para a sua residência, ao clarão da lua e de fogos multicores, ao estourar de milhões de foguetes, acompanhado de umas seis bandas de música e

de uma gritaria que rebôa por quase toda a extensão da grande capital!

2

2 2

Tal foi, em rápidos traços, meu caro Leopoldo, essa noite feérica, como se diz modernamente, e tal é a resenha da primeira vitoria neste país, daquele genial talento!

Depois... Depois ele voltou para Milão onde estudara. Sucederam-se os dias, os meses, os anos, e... como tudo nesta vida está sujeito à lei tão cruel quão inexplicável das antíteses e das coisas imprevisitas, após este radiante triunfo o famoso compositor entrou em luta desesperada com o destino.

Subitamente toldaram-se-lhe os belos horizontes, vieram-lhe dias amargos, decepções no lar, calúnias na pátria, e em consequência o martírio, o desalento, e por último a carência, quase absoluta, de meios...

Quem tal diria?

Paro aqui, meu prezado amigo, para não fazer recriminações a quem quer que seja... pelo menos hoje.

Apenas acrescento, que o grande e inspirado artista que poderia ter vivido como Rossini, e como Verdi, até aos oitenta e tantos anos, produzindo obras

monumentais para honra sua e de sua pátria, se não lhe tivessem faltado os elementos de vida e de coragem que tantas vêzes pediu, deixou-se morrer aos sessenta anos, arrastando para o túmulo os profundos desgostos que as lutas desesperadas pela vida lhe ocasionaram!...

Perdôa, meu bom amigo, esta expansão, e recebe, neste singelo folhetim, umas pobres lágrimas que te envio, lágrimas que juntarás às tuas para as derramares hoje, piedosamente, sôbre o féretro do nosso grande morto.

Amparo, outubro, 1896.

Teu do coração

C. F.

2

2 2

Que mais dizer dele agora, que o Brasil todo já não saiba?

Elevou o nome de sua pátria a uma esplêndida altura perante a Europa, e o seu figura no grande templo dos predestinados, entre os nomes das maiores celebrações artísticas deste século!

Que mais dizer?

Teve uma mocidade gloriosa e uma velhice infortunada, vendo-se na triste contingência de abandonar a sua posição na Italia, para aceitar em seu país o modesto

lugar de diretor do Conservatório de música do Pará!

Honra a esse nobilíssimo Estado que, ao menos, estendeu a mão amiga e caridosa ao grande poeta da música, não o deixando acabar pobremente no velho mundo.

Pela sua maravilhosa inteligência, pelo seu extraordinário talento, poderia ter sido um milionário, mas o cego e injusto destino, sob o ponto de vista das coisas positivas, preparou-lhe sempre as mais desagradáveis surpresas...

Corra-se, porém, um véu sôbre o passado, e escreva-se como uma consolação a todos nós, esta grande verdade:

As mediocridades políticas que lhe causaram danos e desgostos, hão de passar, na onda do tempo inexorável, em caminho da vala comum, ao passo que ele, - o simples e o bom, o opulento da inteligência ficará pertencendo ao panteon das glórias universais...

Não morrerá!...

Amparo, 28 de outubro de 1897.